

“Não existem amigos virtuais”

O mar tem sido uma fonte inspiradora de grandes poetas, umas vezes agitado, outras mais calmo, com uma ondulação apaixonante pela bruma branca da paz, onde reina o mistério do desconhecido...o mar tem esse lado, mas também serve para nos apresentar algumas comparações de peixes com os “tubarões da droga” a droga krocodil ou a famosa “baleia azul” que aparece a fazer as primeiras páginas dos jornais como se de um tsunami se tratasse...O alarmismo com o “jogo da baleia azul” parece-me exagerado e não sei se não estaremos mesmo exagerar na dimensão e importância que estamos a dar face à dimensão que o fenómeno aparentemente não tem.

Isto não significa que não esteja preocupado e atento ao comportamento de alguns jovens e adolescentes; não sou daqueles a quem os acontecimentos passam ao lado e, também por isso, confesso que me preocupo com o progresso e com o futuro das novas tecnologias, que quase a um ritmo diário se vai recontando... O perigoso “jogo” online conhecido como “Baleia Azul”, que já terá feito vítimas, é seguramente preocupante e deveria ser um caso de maior atenção por parte de todos nós. Não sou técnico mas nem por isso deixo de ter opinião sobre os efeitos predadores desta “dependência comportamental” de jovens e adolescentes que se vêm envolvidos numa rede de criminosos que os levam à mutilação e ao suicídio.

Todos sabemos que existem comportamentos de risco, que existem dependências depressoras, estimulantes e perturbadoras, e esta nem sei se é ou não uma dependência... mas julgo ser pelo menos potenciadora de manifestações de perturbação mental, que deve ser con-



venientemente prevenida; e, a jussante, tratada por especialistas e numa rede de respostas integradas, porque se trata de um problema que, convenhamos, inclui diversos saberes nas diferentes componentes, nos diversos sectores, envolvendo a família, a escola, os amigos, o grupo, as autoridades...

Estamos a falar de um problema que começa a estar disseminado por vários países, montado por uma rede de perigosos assassinos, que levam os jovens a auto mutilar-se, que são obrigados a assistir a filmes psicadélicos e de terror pelas 4h20 da manhã, até cometerem o suicídio.

Sejamos claros: o alarmismo social com que hoje assistimos ao “vomitar” destas notícias não nos deve fazer esquecer o cerne do fenómeno... devemos saber ler, interpretar e preparar os nossos jovens para os riscos da utilização indevida ou abusiva do telemóvel ou da internet, do desconhecido e do jogo online. Não se fazem amigos sem os conhecer... não existem amigos virtuais.

A violência e os comportamentos autodestrutivos deste ou de outros jogos, mais do que condenar, devem desencadear uma reflexão colectiva sobre os riscos associados à utilização da internet e sobre se em alguns casos elas acarretam riscos de dependência. Vivemos hoje um mundo virtual perigoso e, por isso,

existe uma crescente atenção por parte dos serviços de comportamentos aditivos e dependências relativamente ao fenómeno do jogo, área para a qual importa aprofundar mais conhecimento e delinear uma estratégia de intervenção, capacitando os profissionais para uma abordagem mais eficaz e que se afigura cada vez mais exigente.

Aliás, esta é uma das grandes preocupações que resulta do “Manifesto de Aveiro”, quando dirigiu a sua carta ao Ministro da Saúde e da qual resultou a criação de um grupo de trabalho para proceder à avaliação das consequências da extinção do antigo IDT, realçando que o processo de integração nas ARS estava a desestruturar os cuidados prestados às pessoas com comportamentos aditivos e dependências.

É preciso repor urgentemente as respostas integradas, criando uma estrutura vertical, assente numa estratégia pensada e desenvolvida por técnicos especializados que articulem com as diversas estruturas, escolas, famílias autoridades locais e policiais, porque ontem assistimos ao fenómeno das drogas Krokodile, hoje trata-se da baleia azul e... amanhã... não saberemos o que este mar de incertezas nos trará... A única certeza que temos é que só com pessoas devidamente treinadas, especializadas e organizadas poderemos antecipar-nos a outros males que por aí virão. Entretanto, os dias vão passando, os problemas vão-se acumulando, a paciência vai-se esgotando e, um dia, quando constatarmos que afinal estávamos errados e que perdemos anos a tentar reinventar uma roda que já circulava sem engrenagens, poderá já ser tarde demais...

Sérgio Oliveira,
director